

# Joaquim Pessoa – Poema segundo

Tudo nos está contra  
quando estamos contra nós mesmos.  
O destino é espectacular mas chega  
a confundir-nos com tanta dieta de assombro,  
tanto fogo ruivo  
que chega do passado,  
exercitando chamas para atear o presente  
e chamuscar o futuro. E, contra nós,  
temos a consciência, a ética, e os vestígios  
de uma imaginação desenfreada,  
palpável mas contraditória.  
Depois, vamos crescendo com o que parece,  
e “o que parece” é quase sempre muito  
menos do que a realidade, essa  
brutalidade funda que toma conta  
do nosso corpo, enterrando-se  
em nós como se fosse  
a raiz das lágrimas.  
Tudo não é como eu digo, quando digo  
sem saber como dizer.  
Tal como a poesia-fantasma, apaixonada  
por si mesma.  
E se, afinal, não chove sobre  
a pele lúcida dos poemas,  
se o vento que costuma inchar as sílabas  
for inventado,  
então o poema é magro, não enche,  
não preenche, não sacia, é não mais que  
o tremoço que espevita o apetite  
do olhar. Entre a memória  
e o que me faz falta, lá está ele  
doendo.

Doendo e sorrindo,  
com a dor mansa do afecto, essa  
dor que em si guarda todas as coisas  
que alguma vez amei.  
É por isso que te confundo muitas vezes  
com a escrita, quando chegas  
sem avisar,  
ombros de fascínio, e lábios  
mais insinuantes que as capas dos livros.  
E tiro-te o retrato, sou agora fotógrafo  
de silêncios e de peixes enormes. Evito assim  
fotografar o mar que nunca é o mesmo, é  
outra coisa sempre. O meu  
pensamento sabe brincar ao esconde-esconde  
e habituou-se já a analisar os contrários,  
os do isto e os daquilo, e os do que eu  
antecipo que seja.  
Quando digo a minha dor,  
já não é a minha dor, é uma alegria enfastiada,  
sem fome de azul, sem fome de ti,  
alegria que avança pelos meus braços  
em conflito,  
com um raminho de oliveira,  
que faz questão de me oferecer para que possa  
brincar também de pomba. E eu,  
que sou tão alto como as coisas altas  
que gostaria de ser,  
espremo turquesas e esmeraldas até  
deitarem sangue,  
e elevo os olhos para conferir  
se Deus ainda ocupa  
o seu lugar.

**Joaquim Pessoa, Guardar o Fogo**